

DOMINGO II DA QUARESMA

CIC 554-556, 568: a Transfiguração

554 A partir do dia em que Pedro confessou que Jesus era o Cristo, Filho do Deus vivo, o Mestre «começou a explicar aos seus discípulos que tinha de ir a Jerusalém e lá sofrer [...], que tinha de ser morto e ressuscitar ao terceiro dia» (Mt 16, 21). Pedro rejeita este anúncio¹ e os outros também não o entendem². É neste contexto que se situa o episódio misterioso da transfiguração de Jesus³, no cimo duma alta montanha, perante três testemunhas por Ele escolhidas: Pedro, Tiago e João. O rosto e as vestes de Jesus tornaram-se fulgurantes de luz. Moisés e Elias aparecem, «e falam da sua morte, que ia consumir-se em Jerusalém» (Lc 9, 31). Uma nuvem envolve-os e uma voz do céu diz: «Este é o meu Filho predilecto: escutai-O» (Lc 9, 35).

555 Por um momento, Jesus mostra a sua glória divina, confirmando assim a confissão de Pedro. Mostra também que, para «entrar na sua glória» (Lc 24, 26), tem de passar pela cruz em Jerusalém. Moisés e Elias tinham visto a glória de Deus sobre a montanha; a Lei e os Profetas tinham anunciado os sofrimentos do Messias⁴. A paixão de Jesus é da vontade do Pai: o Filho age como Servo de Deus⁵. A nuvem indica a presença do Espírito Santo: «*Tota Trinitas apparuit: Pater in voce; Filius in homine; Spiritus in nube clara* – Apareceu toda a Trindade: o Pai na voz; o Filho na humanidade; o Espírito Santo na nuvem luminosa»⁶:

«Transfiguraste-Te sobre a montanha e, na medida em que disso eram capazes, os teus discípulos contemplaram a tua glória, ó Cristo Deus; para que, quando Te vissem crucificado, compreendessem que a tua paixão era voluntária, e anunciassem ao mundo que Tu és verdadeiramente a irradiação do Pai»⁷.

556 No limiar da vida pública, o baptismo; no limiar da Páscoa, a transfiguração. Pelo baptismo de Jesus «*declaratum fuit mysterium primae regenerationis* – foi declarado o mistério da (nossa) primeira regeneração» – o nosso Baptismo; e a transfiguração «*est sacramentum secundae regenerationis* – é o sacramento da (nossa) segunda regeneração» – a nossa própria ressurreição⁸. Desde agora, nós participamos na ressurreição do Senhor pelo Espírito Santo que actua nos sacramentos do Corpo de Cristo. A transfiguração dá-nos um antegoço da vinda gloriosa de Cristo, «que transfigurará o nosso corpo miserável para o conformar com o seu corpo glorioso» (Fl 3, 21). Mas lembra-nos também que

¹ Cf. Mt 16, 22-23.

² Cf. Mt 17, 23; Lc 9, 45.

³ Cf. Mt 17, 1-8 e par.; 2 Pe 1, 16-18.

⁴ Cf. Lc 24, 27.

⁵ Cf. Is 42, 1.

⁶ SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, 3, q. 45, a. 4, ad 2: Ed. Leon. 11, 433.

⁷ *Liturgia bizantina, Kontakion* na Festa da Transfiguração: «*Ménaia tou hólou eniautoú*», v. 6 (Romae 1901) p. 341.

⁸ SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, 3, q. 45, a. 4, ad 2: Ed. Leon. 11, 433.

temos de passar por muitas tribulações para entrar no Reino de Deus» (Act. 14, 22):

«Era isso que Pedro ainda não tinha compreendido, quando manifestava o desejo de ficar com Cristo no cimo da montanha⁹. – Isso, Ele to reservou, Pedro, para depois da morte. Mas agora, Ele próprio te diz: Desce para sofrer na Terra, para servir na Terra, para ser desprezado e crucificado na Terra. A Vida desce para se fazer matar; o Pão desce para passar fome; o Caminho desce para se cansar de andar; a Fonte desce para ter sede; – e tu recusas-te a sofrer?»¹⁰.

568 *A transfiguração de Cristo tem por fim fortalecer a fé dos Apóstolos em vista da paixão: a subida à «alta montanha» prepara a subida ao Calvário. Cristo, cabeça da Igreja, manifesta o que o seu Corpo contém e irradia nos sacramentos: «a esperança da Glória» (Cl 1, 27)¹¹.*

CIC 59, 145-146, 2570-2571: a obediência de Abraão

59 Para reunir a humanidade dispersa, Deus escolhe Abrão, chamando-o para «deixar a sua terra, a sua família e a casa de seu pai» (Gn 12, 1), para o fazer Abraão, quer dizer, «pai de um grande número de nações» (Gn 17, 5): «Em ti serão abençoadas todas as nações da Terra» (Gn 12, 3)¹².

145 A Epístola aos Hebreus, no grande elogio que faz da fé dos antepassados, insiste particularmente na fé de Abraão: «Pela fé, Abraão *obedeceu* ao chamamento de Deus, e partiu para uma terra que viria a receber como herança: partiu, sem saber para onde ia» (Heb 11, 8)¹³. Pela fé, viveu como estrangeiro e peregrino na terra prometida¹⁴. Pela fé, Sara recebeu a graça de conceber o filho da promessa. Pela fé, finalmente, Abraão ofereceu em sacrifício o seu filho único¹⁵.

146 Abraão realiza assim a definição da fé dada pela Epístola aos Hebreus: «A fé constitui a garantia dos bens que se esperam, e a prova de que existem as coisas que não se vêem» (Heb 11, 1). «Abraão acreditou em Deus, e isto foi-lhe atribuído como justiça» (Rm 4, 3)¹⁶. «Fortalecido» por esta fé (Rm 4, 20), Abraão tornou-se «o pai de todos os crentes» (Rm 4, 11. 18)¹⁷.

2570 Quando Deus o chama, Abraão parte «como o Senhor lhe tinha mandado» (Gn 12, 4). O seu coração está completamente «submetido à Palavra»: ele obedece. A escuta do coração que se decide em conformidade com Deus é essencial à oração; as palavras têm um valor relativo. Mas a oração de Abraão exprime-se, antes de mais, em actos: homem de silêncio, constrói, em cada etapa, um altar ao Senhor. Só mais tarde é que aparece a sua primeira oração por pala-

⁹ Cf. Lc 9, 33.

¹⁰ SANTO AGOSTINHO, *Sermão* 78, 6: PL 38, 492-493.

¹¹ Cf. SÃO LEÃO MAGNO, *Sermão* 51, 3: CCL 138A, 298-299 (PL 54, 310).

¹² Cf. Gl 3, 8.

¹³ Cf. Gn 12, 1-4.

¹⁴ Cf. Gn 23, 4.

¹⁵ Cf. Heb 11, 17.

¹⁶ Cf. Gn 15, 6.

¹⁷ Cf. Gn 15, 5.

bras: uma queixa velada que lembra a Deus as suas promessas que não parecem cumprir-se¹⁸. Assim nos aparece, desde o princípio, um dos aspectos do drama da oração: a prova da fé na fidelidade de Deus.

2571 Tendo acreditado em Deus¹⁹, caminhando na sua presença e em aliança com Ele²⁰, o patriarca está pronto para acolher na sua tenda o Hóspede misterioso: é a admirável hospitalidade de Mambré, prelúdio da Anunciação do verdadeiro Filho da promessa²¹. Desde então, tendo-lhe Deus confiado o seu desígnio, o coração de Abraão fica em sintonia com a compaixão do seu Senhor pelos homens e ousa interceder por eles com uma confiança audaciosa²².

CIC 706: a promessa de Deus a Abraão realiza-se em Cristo

706 Contra toda a esperança humana, Deus promete a Abraão uma descendência, como fruto da fé e do poder do Espírito Santo²³. Nessa descendência serão abençoadas todas as nações da terra²⁴. Essa descendência será o Cristo²⁵, no qual a efusão do Espírito Santo fará «a unidade dos filhos de Deus dispersos»²⁶. Comprometendo-Se por juramento²⁷, Deus obriga-Se, desde logo, ao dom do seu Filho muito-amado²⁸ e ao dom do «Espírito Santo prometido, que constitui o título de garantia da nossa herança para a redenção do povo que Deus adquiriu para Si mesmo»²⁹.

CIC 2012-2016, 2028, 2813: o chamamento à santidade

2012 «Deus concorre em tudo para o bem daqueles que O amam [...]. Porque os que Ele de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem do seu Filho, para que Ele seja o Primogénito de muitos irmãos. E aqueles que predestinou, também os chamou; e aqueles que chamou, também os justificou; e aqueles que justificou, também os glorificou» (*Rm* 8, 28-30).

2013 «Os cristãos, de qualquer estado ou ordem, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade»³⁰. Todos são chamados à santidade: «Sede perfeitos, como o vosso Pai celeste é perfeito» (*Mt* 5, 48):

«Para alcançar esta perfeição, empreguem os fiéis as forças recebidas segundo a medida em que Cristo as dá, a fim de que [...] obedecendo em tudo à vontade do Pai, se consagrem com toda a alma à glória do Senhor e ao serviço do próximo. Assim crescerá em frutos

¹⁸ Cf. *Gn* 15, 2-3.

¹⁹ Cf. *Gn* 15, 6.

²⁰ Cf. *Gn* 17, 1-2.

²¹ Cf. *Gn* 18, 1-15; *Lc* 1, 26-38.

²² Cf. *Gn* 18, 16-33.

²³ Cf. *Gn* 18, 1-15; *Lc* 1, 26-38.54-55; *Jo* 1, 12-13; *Rm* 4, 16-21.

²⁴ Cf. *Gn* 12, 3.

²⁵ Cf. *Gl* 3, 16.

²⁶ Cf. *Jo* 11, 52.

²⁷ Cf. *Lc* 1, 73.

²⁸ Cf. *Gn* 22, 17-18; *Rm* 8, 32; *Jo* 3, 16.

²⁹ Cf. *Ef* 1, 13-14; *Gl* 3, 14.

³⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 40: AAS 57 (1965) 45.

abundantes a santidade do povo de Deus, como patentemente se manifesta na história da Igreja, com a vida de tantos santos»³¹.

2014 O progresso espiritual tende para a união cada vez mais íntima com Cristo. Esta união chama-se «mística», porque participa no mistério de Cristo pelos sacramentos – «os santos mistérios» – e, n’Ele, no mistério da Santíssima Trindade. Deus chama-nos todos a esta íntima união com Ele, mesmo que graças especiais ou sinais extraordinários desta vida mística somente a alguns sejam concedidos, para manifestar o dom gratuito feito a todos.

2015 O caminho desta perfeição passa pela cruz. Não há santidade sem renúncia e combate espiritual³². O progresso espiritual implica a ascese e a mortificação, que conduzem gradualmente a viver na paz e na alegria das bem-aventuranças: «Aquele que sobe, nunca mais pára de ir de princípio em princípio, por princípios que não têm fim. Aquele que sobe nunca mais deixa de desejar aquilo que já conhece»³³.

2016 Os filhos da santa Igreja, nossa Mãe, esperam justamente a *graça da perseverança final e a recompensa* de Deus seu Pai pelas boas obras realizadas com a sua graça, em comunhão com Jesus³⁴. Guardando a mesma regra de vida, os crentes partilham a «bem-aventurada esperança» dos que a misericórdia divina reúne na «Cidade santa, a nova Jerusalém, que desce do céu, como noiva adornada para o seu Esposo» (Ap 21, 2).

2028 «*Todos os cristãos são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade*»³⁵. «*A perfeição cristã só tem um limite: o de não ter nenhum*»³⁶.

2813 Na água do Baptismo, nós fomos «purificados, santificados, justificados pelo nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito do nosso Deus» (1 Cor 6, 11). Em toda a nossa vida, o nosso Pai chama-nos «à santidade» (1 Ts 4, 7) e, uma vez que é por Ele que nós estamos em Cristo Jesus, «o qual Se tornou para nós [...] santidade» (1 Cor 1, 30), interessa à sua glória e à nossa vida que o seu nome seja santificado em nós e por nós. Tal é a urgência da nossa primeira petição.

«Por quem poderia Deus ser santificado se é Ele próprio quem santifica? Mas porque Ele mesmo disse: “sede santos, porque Eu sou santo” (Lv 20, 26), nós que fomos santificados no Baptismo, pedimos e rogamos para perseverar no que começámos a ser. E isso nós o pedimos todos os dias. Precisamos de uma santificação quotidiana para que, incorrendo em faltas todos os dias, todos os dias sejamos delas purificados por uma santificação assídua [...] Portanto, oramos para que esta santificação permaneça em nós»³⁷.

³¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 40: AAS 57 (1965) 45.

³² Cf. 2 Tm 4.

³³ SÃO GREGÓRIO DE NISSA, *In Canticum* homilia 8: *Gregorii Nysseni opera*, ed. W. JAEGER – H. LANGERBECK, v. 6 (Leiden 1960) p. 247 (PG 44, 941).

³⁴ Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 6ª, *Decretum de iustificatione*, can. 26: DS 1576.

³⁵ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 40: AAS 57 (1965) 45.

³⁶ SÃO GREGÓRIO DE NISSA, *De vita Moysis*, 1, 5: ed. M. SIMONETTI (Vicenza 1984) p. 10 (PG 44, 300).

³⁷ SÃO CIPRIANO DE CARTAGO, *De dominica oratione*, 12: CCL 3A, 96-97 (PL 4, 544).